

Aimé Césaire, da anamnese à enunciação

Katia Frazão Costa Rodrigues

Resumo

Este trabalho representa a investigação sobre o “eu” que se enuncia em *Nègre je suis, nègre je resterai*, obra publicada em novembro de 2005 pelos autores Aimé Césaire, nascido na Martinica, e Françoise Vergès, todos dois nascidos nos departamentos franceses ultramarinos e, portanto, herdeiros legítimos do drama da colonização. O momento atual se desenha bastante oportuno para se pensar, também, no importante papel da memória nesse reconhecimento identitário.

Palavras-chave: Aimé Césaire, Memória, Enunciação

Resumen

Este trabalho representa la investigación sobre el “yo” que se enuncia en *Nègre je suis, nègre je resterai*, obra publicada en noviembre de 2005 por los autores Aimé Césaire, nacido en la Martinica, y Françoise Vergès, los dos nacidos en los departamentos franceses ultramarinos y, por tanto, herederos legítimos del drama de la colonización. El momento actual se disena bastante oportuno para pensar, también en el importante papel de la memoria en ese reconocimiento identitário.

Palabras claves: Aimé Césaire, Memoria, Enunciación

Abstract

This work presents the investigation of the “I” that is enounced in *Nègre je suis, nègre je resterai*, work published in November 2005 by the authors Aimé Césaire, born in Martinique, and Françoise Vergès, both too in the French overseas departments and therefore, genuines heirs of the

* Artigo recebido em janeiro de 2006 e aprovado para publicação em fevereiro de 2006

colonization drama. The current moment is well opportune to think also about the important role of memory in this identity recognition.

Keywords: Aimé Césaire, Memory, Enunciation

Logo que o próprio sujeito chega a ser, ele o deve a um certo não-ser sobre o qual ele ergue o seu ser. (Jacques Lacan)

Sai ao lume mais Césaire, o obstinado poeta e político martinicano que, beirando os 93 anos, ainda se ocupa em reafirmar a sua identidade negra. Atitude louvável, mas plena do risco de uma recepção pouco calorosa, em razão da última década de incompreensões a respeito de sua militância nos dois âmbitos: literário e político. Muitos de seus compatriotas, por exemplo, escritores como Chamoiseau e Confiant¹, não hesitaram em suscitar vivas reações ao desenvolvimento da sua escritura, acusando-o de essencialista e de reprodutor, por antítese, da ideologia ocidental dominante, críticas essas que ocasionaram, por sua vez, renomadas defesas, como as de Annie Le Brun² e Roger Toumson³.

Entretanto, a polêmica criada em torno do seu nome denota que, analisadas sob um outro ângulo, as querelas acabam tendo sempre o seu lado positivo, na medida em que revigoram a discussão sobre o assunto colonial e pós-colonial, fazendo com que autores, como Aimé Césaire, possam ser conhecidos, relidos e ovacionados por todos aqueles que se investem, de alguma forma, contra as injustiças e os preconceitos, verdadeiro desafio, ainda no século XXI. É assim que, também eu, sua leitora apaixonada, não fujo ao prazer de revisitá-lo e de me arriscar a descobrir quem é o “eu” de *Nègre je suis, nègre*

1 Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant são co-autores, juntamente com Jean Bernabé, da obra *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.

2 LE BRUN, A. *Pour Aimé Césaire*. Paris : J.-M. Place, 1994.

3 TOUMSON, R. *Aimé Césaire : Le nègre inconsolé*. Paris : Syros ; Fort-de-France : Vent des îles, 1993.

*je resterai*⁴, sua última produção, publicada em novembro passado, pela Editions Albin Michel. Aproveito igualmente para evidenciar o importante papel da memória no processo dessa reafirmação identitária.

A obra se divide em duas partes. A primeira, que descreve literalmente as entrevistas, na qual me centro, e a segunda, dedicada à análise técnica de Vergès sobre o acontecimento. Embora de caráter eminentemente político e histórico, justificado, sobretudo, por esse momento ímpar da desigualdade pós-colonial, as entrevistas concedidas por Césaire têm seu alcance especialmente ampliado porque, nelas, é o poeta quem fala mais alto, tornando o relato do passado algo bem mais interessante e distante de uma simples coleta de dados. Sua fala parece representar a manifestação de uma existência que, teimosa, perpassa o seu século, insiste na igualdade e na fraternidade dos povos, orientando, mais uma vez, a caminhada em direção a melhores dias.

Em *Nègre je suis, nègre je resterai*, Césaire é entrevistado pela co-autora francesa Françoise Vergès, professora de Ciências Políticas da Universidade de Londres e vice-presidente do Comitê em favor da memória da escravidão. Nascida no departamento francês ultramarino de Réunion e, portanto, herdeira também legítima de um passado traumático, Vergès se interessou, sobretudo, em investigar o momento pós-colonial, suas aporias, fantasias e verdades. Em resposta, é com extrema lucidez que o poeta rememora a sua escritura de luta, em prol do resgate da dignidade negra, ao denunciar a violência da escravidão e o racismo, passado que claramente se configura como espectro⁵ do presente de preconceitos e injustiças de toda ordem, por exemplo, da França do último ano. Vergès também realça a contempo-

4 Em português, *Negro eu sou, negro eu permanecerai*.

5 O espectro é aqui considerado como aquilo que constitui sempre uma ameaça porque é o vazio e, ao mesmo tempo, a energia resultante de um processo. É tudo aquilo que atravessa projetando-se como emissão ou absorção, por exemplo, de um drama.

raneidade de Césaire, comparando-o com outros autores menos expostos a tanta celeuma.

Eu desejava entrevistá-lo porque estava impressionada com a contemporaneidade de muitas de suas observações, contrariando uma já conhecida opinião que contesta e prefere conferi-la a Franz Fanon, Patrick Chamoiseau e Edouard Glissant. Assim, a sua abordagem da experiência “negra” me parecia mais próxima dos debates mais atuais sobre a questão “negra” do que a de um Fanon, por exemplo. Em Césaire, ser negro remete a uma história transcontinental e, antes de tudo, à África, origem de uma diáspora que explodiu por todo o mundo. Isso não é algo a mais, mas algo diferente (CESAIRE&VERGÈS,2005, p. 15)⁶... Reler Césaire à luz do presente dá aos debates de hoje uma história, uma genealogia que os fundamenta (C&V,p. 17).

Nas entrevistas concedidas a Vergès, o passado reaparece, vivificado pela análise estratégica de uma consciência que, embora em aparente desatenção e já duvidosa do seu poder, ainda se esforça para tentar manobrar o presente e, assim, delinear o futuro.

Esse homem que eu encontrava pela primeira vez, foi extremamente cortês, ao mesmo tempo atento e distante, tímido e familiar, interessado e dubitativo... fez-me precisar rapidamente meus objetivos e se mostrou cético em relação ao interesse que poderiam suscitar as entrevistas com ele (C&V, p. 8).

A vida de Césaire é marcada por grandes decepções, seja com o comunismo, por exemplo, seja com a crítica literária. Daí a sua grande preocupação em tornar inquestionável o relato proposto por Vergès. O detalhamento e a precisão com que algumas datas e acontecimentos são descritos, revelam um Césaire movido muito mais pela razão do que pela emoção, muito mais preso à necessidade de convencer do que apenas de historiar. En-

⁶ As referências aos autores de *Nègre je suis, nègre je resterai* serão abreviadas por C&V.

tretanto, a língua o trai e faz escapar uma grande sensibilidade que, desejosa, se abre para possibilidades outras, suspendendo momentaneamente o presente e apelando para a realização de um sonho que se desenha na própria revelação do vivido.

É necessário um outro mundo, é necessário um outro sol, é necessária uma outra concepção de vida... é preciso partir novamente em direção a um outro mundo que afirme o medo da violência, o medo do ódio e o respeito pelo homem, seu desabrochar (C&V, p. 52).

Portanto, ao rememorar suas obras literárias, Césaire destrói acidentalmente as barreiras do tempo, mostrando a evolução profunda de uma subjetividade, que caminha, com esperança, pelo antigo espaço do drama, ligando passado e presente às expectativas do amanhã.

Nascemos assim. Existe um mal-estar martinicano, existe um mal-estar antilhano que se compreende muito bem. Pense no tipo criado na África, transportado no fundo de um porão, acorrentado, agredido, humilhado: batem-no na face e isso não deixaria nenhuma marca? Estou convencido de que isso me influenciou. Eu nunca conheci isso pessoalmente, mas pouco importa, a história seguramente pesou. (C&V,p. 29),

...Entretanto, não podemos passar o nosso tempo dizendo: é a França que é responsável... Ora, urge projetar-se para fora, alargar o horizonte (C&V, p. 34;35).

O entrelaçamento da memória e do presente é, por assim dizer, um espaço híbrido feito de ficção e de verdade, de sonho e de realidade. É de onde a interioridade, que reflete lógica e macrocosmicamente o drama, denuncia o funcionamento injusto do universo e forja uma unidade, passando a não mais projetar somente o sofrimento da condição humana, mas também a perseverança quase centenária que, voltada para o dever, se dissemina em crença no amanhã.

Foi a história que modificou as coisas... mas, temos direito à independência... (C&V, p. 33)... sair da vitimização é fundamental (C&V, p. 41). O homem deve tentar compreender o homem... Vocês sabem, os martinicanos não são cômicos todos os dias! Eu continuo a refletir (C&V, p. 67);

A luta contra as nossas próprias tendências e a luta coletiva caminham juntas, uma influenciando a outra (C&V, p. 46)... Falta inventar a unidade, falta forjá-la. (C&V, p. 66)...É uma questão de atitude para com o sofrimento humano (C&V, p. 68) e

Eu não sei para onde vamos, só sei que é preciso avançar. É preciso liberar o homem negro, mas é preciso também liberar o libertador. Existe, no fundo, um problema. É o problema do homem com ele mesmo (C&V, p. 63).

A fala de Césaire está marcada por um duplo gesto, pois, ao mesmo tempo em que conclama o não esquecimento da violência passada, procura disseminar o apaziguamento das tensões, caminho mais seguro para o reconhecimento e reafirmação de si mesmo. Césaire conclama uma lembrança consciente e resignada, através da qual o homem pode estar em paz consigo mesmo, sem culpas.

Eu não era um homem tranqüilo[...]. Eu tinha a angústia antilhana. Uma angústia sintomática do mal-estar de um povo que tem o sentimento de não ser mais responsável por sua sorte e que é apenas um comparsa no drama em que deveria ser o protagonista... Minha cara amiga, não é fácil ser antilhano, também não deve ser fácil ser de La Réunion, mas é desse jeito e nós temos que assumir isso com coragem, com dignidade e, se preciso, com orgulho (C&V, p.10);

Tinha constantemente o sentimento de que eu vivia num mundo fechado, estreito, num mundo colonial (C&V, p.21);

O homem é como é. Ele vem ao mundo, depois rapidamente percebe que a vida é um presente estranho... O que deve ser compreendido é o sentimento que o homem tem da sua fraque-

za e de sua busca perpétua de proteção contra forças superiores, primeiramente contra as forças naturais. O princípio da esperança está ligado a essa visão do mundo. Nós travamos um combate contra essas forças naturais, contra nós mesmos e esse combate nunca foi inteiramente ganho (C&V, p.46) e

Nós devemos nos dar as mãos, devemos trabalhar, devemos nos organizar, nós temos deveres para com o nosso país, para com nós mesmos. Não creio que existam obstáculos que não possam ser suplantados (C&V,p.34;35).

O relato de Césaire se constitui, pois, numa espécie de “anamnese” do sofrimento, onde tempo, espaço e alteridade estão sempre em sintonia. Requisitada pela interrogação, a lembrança opera uma reordenação do material guardado na memória que, ao se repetir no pensamento, instaura um novo e singular traçado em direção à cena primitiva, fonte de doença, mas também de cura. A lembrança não é, senão, a própria atualização do vivido, que apresenta outra coisa no seu lugar. Ela inscreve e apaga o passado, reinterpretando-o. A “anamnese” proposta por Vergès, pode ser pensada, então, como a tentativa de recuperação de algo que, pela própria natureza, é irrecuperável.

Mas a anamnese pode agir, também, como possibilidade de desconstruir o passado nevrálgico, desfazendo os enganos do vivido e transformando o presente. Nesse sentido, a memória consistiria, então, num arquivo que, reativado, possibilitaria o diálogo com a outra face do mesmo ou com o outro, oprimido e apagado pela lembrança.

Foi nesse momento que eu passei - não exagero – a detestar a sociedade martinicana em que vivia.. fiquei chocado ao constatar neles uma tendência fundamental a imitar a Europa...que me irritava profundamente. Como eu era tímido e mesmo selvagem, eu fugia deles. Todo esse mundo não me interessava... Parti para a França com deleitação.. dizia para mim mesmo: eles me deixarão em paz. Lá, eu serei livre, lerei o que quiser (C&V, p.20). Esse era o meu sentimento primeiro. Eu não

amava essa Martinica. E, quando pude partir, foi com prazer. Adeus, pensava (C&V, p. 21).

As respostas de Césaire fazem vir à tona o real de uma existência que alimentou e foi alimentada pela expressão de um eu, nem sempre arbitrário e visivelmente exposto, como em *Moi, laminaire...*⁷, mas indubitavelmente presente. Sua primeira obra, *Cahier d' un retour au pays natal*⁸, escrita nos anos 30, revela o eu circunscrito que, em conflito identificatório, causado por uma interação social traumática, não se reconhece mais e se expressa por parapraxias⁹. O imaginado retorno ao país natal corresponderia, dessa forma, à trajetória da palavra na busca de uma identidade, ainda marcada pela fixidez de um relutante pensamento lógico-racional.

A história de formação e de legitimação de alguns povos confirma a idéia de que a construção da identidade se deu de forma muito traumática, sobretudo nas Antilhas. E, se a manifestação poética também é a expressão de uma existência, esta certamente foi atravessada pela história de um tempo e de um espaço fragmentado pela diáspora, produzindo sentidos diferentes do drama, outras significações que demandam novas perspectivas de questionamento, de investigação e, sobretudo, de tradução. A diáspora provoca a eterna e angustiante sensação de “nunca se sentir em casa”, citada por Stuart Hall¹⁰, teórico pós-colonialista.

7 CESAIRE, Aimé. *Moi, laminaire...* IN *La Poésie*. Paris : Seuil, 1994.

8 CESAIRE, A. *Cahier d' un retour au pays natal* IN *La Poésie*. Paris : Seuil, 1994. Obra considerada como um grande passo em favor da aceitação da diversidade, na tentativa revoltada de descentramento ideológico e sócio-cultural. É nela que o poeta emprega pela primeira vez o termo Negritude, tornando clara a sua intenção assumida de rejeitar a influência ocidental.

9 Termo utilizado por Freud em sua obra *A psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Refere-se às falhas no discurso, maiores reveladoras do material inconsciente.

10 HALL, Stuart. Da Diáspora : identidades e mediações culturais IN SOVIK, L. (org). trad. Adelaide La Guardia Resende et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Moi, laminaire..., sua última produção poética, publicada em 82, após dez anos de longo silêncio literário, já propõe, no entanto, a leitura de um outro eu que, em devir, caminha na perspectiva de uma transformação, ultrapassando as fronteiras poéticas e se instalando na própria construção do pensamento. Na obra, o poeta se identifica a uma alga, em geral encontrada nas costas rochosas e que pode se expandir, chegando mesmo a três metros de comprimento. Serve de adubo, fornecendo sódio, potássio e iodo, o que aponta para a idéia do poeta germe de uma transformação. A imagem convida também a pensar num organismo escorregadio, que possui várias camadas ou lâminas, dispostas de forma irregular, umas sobre as outras, sem, no entanto, se confundirem. Essa existência claudicante, de endereço incerto, e irremediavelmente marcada pela diferença, caminha na direção de um novo sentido, que excede a simples racionalidade e faz reaparecer o desejo, sob novas configurações.

E, agora, passados quatorze anos, esse *eu laminar* retorna e diz: *Nègre je suis, nègre je resterai*, colocando em cena, mais uma vez, inquietantes dúvidas a respeito de sua identidade que, sempre afrontada por uma realidade em desalinho, reage, abrindo margem para novos questionamentos e traduções. *Quem e quais somos nós? Admirável questão!*¹¹

É com a responsabilidade própria de um historiador que Césaire confirma, objetivamente, o grande peso do passado no desenvolvimento da consciência individual e coletiva antilhana. Todo o seu pensamento parece remetido a esse tempo já distante e sua fala, apesar de clara, apresenta-se sob um tom difuso, mesclando condenação, testemunho e defesa. E, no decorrer da entrevista, a língua o trai novamente, mostrando que toda a história se localiza no presente ou na repetida e cotidiana presença de uma ausência. É quando se percebe um corte pontual no discurso, provocado

11 CESAIRE, A., 1994, p. 26.

pela emergência de uma voz que resta, um resto repetido de algo que permanece no mesmo lugar ou no lugar do mesmo. Assim, o eu, tido muitas vezes como contraditório ou indecível, que se esconde na obscuridade de uma negritude desgostosa, mas resignada, surge, para afrontar, promovendo um dis-curso, anunciando o sujeito ou se enunciando em sujeito. Esse resto, que transborda em querer dizer, se ilumina, trazendo de volta o brilho interior de uma resistência, forçando uma passagem, provocando uma abertura, ao se enunciar. A memória vai, assim, despertando aos poucos uma subjetividade que tenta, agora, assumir a responsabilidade e o risco da sua própria tradução, ensaiando um discurso do eu sobre o eu.

O que eu penso de mim mesmo e do meu caráter, etc.? Para dizer a verdade, eu não sei o que responder. É nos meus poemas, os mais obscuros sem dúvida, que eu me descubro e me acho...E quem pode descobrir-me senão vocês que me lêem, me relêem, me honrando por irem ao meu enalço, se posso assim dizer, há anos? É na minha poesia que se acham as respostas. A poesia me interessa e eu me releio, fico por lá. É lá que estou. A poesia revela o homem para ele mesmo. O que está no mais profundo de mim mesmo se encontra certamente na minha poesia. Porque esse “eu mesmo”, eu não o conheço. É o poema que me revela e mesmo a imagem poética. (C&V, p.47)

É no enalço de uma tradução de si mesmo que Césaire toca a poesia e uma subjetividade, agora tomada pela emoção, irrompe em resposta e faz reconhecer a identidade de *Nègre je suis, nègre je resteraï*, motivo desta reflexão.

Eu habito uma ferida sagrada
eu habito ancestrais imaginários
eu habito um corredor escuro
eu habito um longo silêncio
eu habito uma sede irremediável
eu habito uma viagem de mil anos...
... - isso é bem pior que um inferno-

eu habito de tempos em tempos uma de minhas feridas
cada minuto eu troco de apartamento... (C&V, p.50)

A entrevista de Vergès deflagra em Césaire uma espécie de *dorveille*, termo psicanalítico citado por Michel Zink em seu livro *La subjectivité littéraire*¹². *Dorveille* representaria a relação que o indivíduo estabelece, através da memória, com o real distante sem, no entanto, se abster do sonho. Em outras palavras, seria um estado de semi-consciência, misto de sono e de vigília, que propiciaria a passagem do mundo silenciado pelo tempo a um outro, fruto do nosso desejo, de forma afetiva e, ao mesmo tempo racional, simultânea e causal. *Dorveille* seria o espaço da rememoração criativa que forja um outro efeito para o trauma, interpellando e modificando, assim, a realidade, seja em seu sentido geral, seja em relação as suas leis permanentes. Em *dorveille*, a interioridade se investe para tentar dominar o presente, pela presença de uma voz passada que, agora, se renova e se prepara para ser ouvida. É no interior dessa descrição atualizada do passado que o texto se inscreve.

O poeta interrompe, portanto, o relato e se deixa levar pela poesia, trazendo à tona movimentos internos e materiais inconscientes que emergem de forma subjetiva, provocando a ultrapassagem da realidade em direção ao imprevisto. Sua poesia chega, como diz Breton¹³, *bela como o oxigênio nascente, capaz de exprimir todas as interrogações, todas as angústias, esperanças e êxtases*.

Ao responder com poesia, Césaire quebra o paradigma da entrevista, ou seja, o encontro com o outro e, pelo seu reconhecido caráter reivindicador e libertário, ruma em direção a algo maior do que uma simples coleta de dados. É no encontro consigo mesmo, que Césaire se expõe, *molhado por todas as chuvas*

12 ZINK, Michel. *La subjectivité littéraire*. Paris :Puf, 1985, p. 148 .

13 BRETON, André. *Martinique charmeuse de serpents. Un grand poète noir In Tropiques*. Reprodução. Paris : Jean- Michel Place, 1978, vol. II, p.126.

e *umedecido por todos os orvalhos*¹⁴.

A referência que ele faz ao poema *Calendrier lagunaire*¹⁵, nos chega, assim, como prova maior e incontestável de uma identidade criadora de espaço, invasora da opacidade, que insiste em resgatar a voz marcada pela diferença de um duplo gesto. É sempre na busca dessa palavra mágica, produtora de energia, que o poeta faz rejuvenescer coisas e seres e se fazer compreendido, como a existência de uma singularidade vivente, apesar de tudo.

A subjetividade parece, assim, encontrar novas saídas. É pelo poema que Césaire define as bases de uma identificação que ultrapassou os limites estabelecidos pela lógica ocidental, mostrando também o seu contraponto à ideologia e à moral, ainda vigentes. O poeta deixa entrever que a libertação das amarras deixadas pela colonização só é possível nesse espaço, ainda inexplorado e inacessível à linguagem cotidiana.

A palavra ferida dá o tom à existência marcada pelo sofrimento decorrente de um passado traumático. A expressão surrealista e, portanto, sempre estrangeira, registra os efeitos de uma diáspora que dissocia o eu da sua língua, da sua cultura e da sua memória, como numa espécie de “amnésia”, expressão utilizada por Derrida em *Monolingüisme de l' autre*¹⁶. Segundo o filósofo, *o próprio da língua está no que se encontra no lugar do dito, na comunicação interrompida*, como, por exemplo, na imprevisível e abrupta chegada da poesia.

A identidade passa a habitar o espaço do inominável que a palavra inaugura sem dele se apropriar, pois a comunicação está sempre em movimento e é marcada pela presença do outro ou pela outra face do mesmo.

Eu habito um vasto pensamento
Mas na maioria das vezes prefiro me confinar

14 CESAIRE, A., 1994, p.20.

15 *ibid* p.385.

16 DERRIDA, Jacques. *Le Monolingüisme de l' autre*. Paris : Seuil, 1988.

Na menor das idéias
Ou então eu habito uma fórmula mágica
As únicas primeiras palavras
Todo o resto sendo esquecido...(C&V, p.49)

O percurso diferente que se anuncia, rompendo com a linearidade do relato e desembocando em poesia, confirma a escritura de um eu de especificidade africana, negra e, sobretudo, híbrida. Na ausência de uma identificação estável, o ego se apresenta, por assim dizer, *laminar* e passeia por todas as suas dimensões: políticas, lingüísticas, culturais e cidadãs. Nesse sentido, é possível dizer que o eu de *Nègre je suis, nègre je restera* está muito mais próximo de *Moi, laminaire ...* do que do *Cahier d'un retour au pays natal*, porque é marcado pela plurivocidade de uma existência que se diz pertencendo a muitos lugares. Sugere, assim, a heterogeneidade, a convivência com o outro e a harmonia com o cosmos. O eu é o tudo e o nada, ou melhor, é sendo nada que ele é tudo. A sua indefinição escapa à lógica binária tradicional e, por isso mesmo, é cheia de estranhezas. Sua palavra, tachada de significação estável, perde o espaço para múltiplas representações e, assim, esse ser acontece, na aparente desordem de um estranho espaço do dizer. Cada conceito é transportado para uma cadeia de possibilidades, indicando a disseminação e a dispersão de sentido em relação ao sentido originário, *me agarrando em cuscuta ou me desdobrando em “porana”*¹⁷, *isso é tudo um*, diz o poeta. (C&V, p.49).

A desconstrução do passado e do pensamento ocidental requer a utilização de estratégias que descentralizam o poder e são capazes de convocar as margens. Desconstruir implica, sobretudo, na errância, no não-dizer. Ao romper com o discurso tradicional, o eu ressignifica tempo e espaço, deixando fluir o processo de liberação da palavra, para além do seu limite conceitual repressor. Implementa, assim, uma arriscada travessia, ao se mostrar para o outro em diferença.

17 Não foi possível traduzir o termo, por falta de dados mais esclarecedores.

O eu de *nègre je suis, nègre je restera* está sempre em transformação, pois a cada minuto muda de apartamento, a cada minuto faz uma *pele nova*, desenvolve *um pensamento novo*, *coloca de pé um homem novo*, como diz Frantz Fanon¹⁸, pois o “essencial” parece estar em *se sentir nu, em pensar nu*¹⁹. Esse eu mutante sugere ser, antes de tudo, o seu próprio fundamento e a chegada repentina da poesia marca a sua existência que, surpreendida pela diferença, desponta como a *aurora de um tempo, no entre-lugar do dia e da noite, da montanha e do pântano, do norte e do sul, do oriente e do ocidente*²⁰.

Os entre-lugares ou lacunas do discurso aparentemente sem sentido, são representações imaginárias, instantes de ambivalência e de contradição, isto é, momentos de impasse, que possibilitam o diálogo com o outro, através de uma negociação, *senal de maturidade política*, como diz BHABHA²¹. Essa negociação sempre coloca à prova sujeito e discurso, inaugurando um outro espaço e um outro tempo. O *não-tempo*, assim denominado por Césaire, reage ao logocentrismo pela presença de um eu produtivo, que se oferece a interpretações plurais. A existência torna-se, assim, o *espaço de um instante, no furor de dar vida a um desmoronamento de paisagens, pela reabilitação de delírios muito antigos*²².

Este sujeito indeterminado, caracteriza o sujeito da “pós-modernidade” que, segundo Stuart Hall²³, teórico pós-colonialista, é aquele ser fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades contraditórias. Na situação da diáspora, *o sujeito imaginado está sempre em jogo, numa celebração móvel*

18 FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Seuil, 1952, p. 371; 376.

19 CÉSAIRE, A., 1994, p. 415.

20 *ibid* p.383.

21 BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.46.

22 CÉSAIRE, A., 1994, p. 391.

23 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 23.

que é formada e transformada continuamente, diz Hall.

Irmão não insista....
Isso é tudo um ...(C&V, p. 49).

Catherine Kerbrat-Orecchioni demonstra, em *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*²⁴, que é possível *descrever sistematicamente, a partir de exemplos os mais concretos, os traços de inscrição do sujeito no discurso, ou seja, a subjetividade na linguagem*, segundo ela, *termo tão problemático quanto indispensável*. Sendo assim, seria possível afirmar que o eu do *Calendrier lagunaire*, que diz habitar tantos lugares e não ter a certeza de um endereço, já se fazia presente, de alguma forma, antes mesmo de se enunciar, por detrás das palavras do entrevistado.

... Mas, onde está o negro em tudo isso? O negro não está lá. Tu o tens em ti, entretanto. Cave ainda mais fundo e tu o acharás no fundo de ti, para além das camadas da civilização, o negro fundamental. Tu me compreendes, fundamental. (C&V, p.27) ou
... nós somos pessoas complexas, ao mesmo tempo isso e aquilo. (C&V, p.42).

Jean-Luc Nancy, em seu livro *Ego sum*²⁵, também afirma que *a composição nada mais é do que a decomposição do espírito em elementos que se personificam pela palavra*. Segundo o filósofo, existe sempre um “je” por detrás de toda circunstância particular, um “je” que, acrescento, nunca está sozinho, porque, segundo Derrida²⁶, já carrega em si a presença do outro.

Mas, ao que parece, é na poesia que Césaire, como ele mesmo diz, espera reencontrar *o sentido das grandes*

24 KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin, 1980, p.4.

25 NANCY, Jean-Luc. *EGO SUM*. Paris: Flammarion, 1979.

26 DERRIDA, J. *L'écriture et la différence*. Paris :Seuil, 1967.

*comunicações e das grandes combustões*²⁷. É no despojamento do ser que o eu desponta, como promessa dirigida ao outro. Zink²⁸, assinala que *a subjetividade não é a efusão espontânea ou a expressão verdadeira da personalidade, das opiniões e dos sentimentos do autor*, mas o produto arbitrário e necessário de uma consciência que não tem a menor intenção de transmitir uma verdade exterior sobre o mundo, mas a intenção de reivindicar verdades novas.

Nesse sentido, a subjetividade seria *a expressão do sujeito por ele mesmo*, colocando em dúvida a própria linguagem, na utilização de um código interno e variado. A subjetividade, acrescenta Zink, é *a linguagem que funciona em circuito fechado*²⁹. É a palavra que remete a um passado que só tem valor a partir da inscrição: *Nègre je suis, nègre je resteraï*. É a palavra que substitui o passado e a sua verdade, fazendo com que tudo se transforme em presente e em ficção. O passado não é essencial para o juízo leitor, mas a forma como ele é rememorado e reinterpretado, imaginariamente, por um eu que, nesse instante, se afirma. A palavra é, então, a expressão de uma subjetividade que se expõe à outra e o eu, o puro instante dessa enunciação. E, como presente e ficção, esse eu não passa de uma mera suposição.

Para J. P. Vernant³⁰, *o poeta possuiria a visão de uma zona morta da existência, acesso, por assim dizer, intemporal a um tempo*. A lembrança seria, pois, o deciframento do invisível, a geografia do sobrenatural, reativada pelo esforço

27 CÉSAIRE, A., 1994, p.20.

28 ZINK, M., 1985, p. 148.

29 ZINK, M., 1985, p. 5.

30 VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: Estudos de psicologia histórica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Edusp, 1973, p.78.

da memória em “compor” a origem. Compor uma origem não significaria, no entanto, reconstruí-la, mas estabelecer criativamente uma unidade com ela, na qual se ligariam: passado e presente. A memória, segundo Vernant,

“Não é mais aquela que canta o passado primordial e a gênese do cosmo (...) Do mesmo modo, não é mais o segredo das origens que ela oferece às criaturas mortais, mas o meio de atingir o fim do tempo, de colocar um termo no ciclo das gerações”. (VERNANT,1973, p.80)

Concluo com a certeza de que lembrar requer uma troca bem mais intimista consigo mesmo. Como afirma Nancy, lembrar não é um gesto tão pacífico, nem resulta tampouco do acaso. O homem, assim como o seu meio social, é um reservatório de memórias onde o peso do passado oprime o presente, levando-o a assumir a responsabilidade de não esquecer para tentar interferir no curso dos acontecimentos futuros ou na efemeridade do cotidiano. Para Césaire, lembrar uma história negra, falar em igualdade e fraternidade, é trazer à tona uma série de outras questões, dentre elas o problema da “identidade”, termo que representa tantas lacunas, desde o passado colonial. A memória atua como um arquivo que possibilita à lembrança o preenchimento criativo de um vazio identitário, forçando, assim, a passagem para a libertação do eu.

Ao ser inovador, Césaire coloca em cena o eu de uma nova estética que aponta para uma existência africana, negra, mas também laminar, lacunar, híbrida e mutante, sustentada pela força de ir além e por uma temporalidade fluida que ocupa o espaço do inominável, refletindo o desejo numa expressão sempre reinventada, em consonância com a concepção que se tem da diáspora moderna.

A entrevista concedida à Françoise Vergès não segue, de fato, a linha de um relato qualquer, pois, com o objetivo de investigar o pós-colonialismo, Vergès instiga uma subjetividade,

porta-voz das desgraças que não têm boca nenhuma,³¹ que ainda se impõe *como um vulcão que emerge do caos primitivo*³², por conta de um *desejo obscuro*³³, ao se enunciar em sujeito do pensamento falante *Nègre je suis, nègre je resterai*. Nesse sentido, o relato de Aimé Césaire representa, sem dúvida, um novo canto de guerra contra o passado de miséria da Martinica, descrita pelo *Cahier d'un retour au pays natal*; contra o colonialismo indecente denunciado em *Le Discours sur le colonialisme*³⁴, contra o efeito perverso da revolução negra entrevisto *Toussaint Louverture*³⁵ e contra o fracasso da independência haitiana, representada em *La Tragédie du Roi Christophe*³⁶. E, assim, sua voz se faz resistência à atual tendência política mundial, marcada pelo silêncio, pela ignorância e pela indiferença com respeito à condição do negro de toda a história da humanidade, pois, como diz o poeta:

A pressão atmosférica ou melhor a histórica
aumenta enormemente meus males
ainda que ela torne suntuosas algumas de minhas
palavras(C&V, p. 50).

É preciso ler Césaire.

Bibliografia

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIAINT, Raphaël. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.
- BRETON, A. *Manifeste du Surréalisme*. Paris: Gallimard, 1975.
- Martinique charmeuse de serpents. Un grand poète noir In
- 31 CESAIRE, A., 1994, p.21.
- 32 ibid p. 6
- 33 ibid p.385.
- 34 CESAIRE, A. *Discours sur le colonialisme*. Paris : Réclame, 1950.
- 35 CESAIRE, A. *Toussaint Louverture*. Paris :Présence Africaine, 1962.
- 36 CESAIRE, A. *La tragédie du roi Christophe*. Paris :Présence Africaine, 1963.

Tropiques. Reprodução. Paris : Jean- Michel Place, 1978, vol. II.

----- Manifesto IN: BRETON, André, 1896-1966. *Manifestos do Surrealismo*. Tradução: Sérgio Pachá. - Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

CÉSAIRE, A. *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris: Seuil, 1994.

----- *Les Armes miraculeuses*. Paris: Gallimard, 1946.

----- *Soleil cou coupé*. Paris: K., 1948.

----- *Corps perdu*. Paris: Fragrance, 1949.

----- *Discours sur le colonialisme*. Paris: Réclame, 1950.

----- *Et les chiens se taisent*. Paris: Présence Africaine, 1955

----- *Lettre à Maurice Thorez*. Paris: Présence Africaine, 1956.

----- *Ferremets*. Paris: Seuil, 1960.

----- *Toussaint Louverture*. Paris: Présence Africaine, 1962.

----- *Cadastre*. Paris: Seuil, 1961.

----- *La Tragédie du Roi Cristophe*. Paris :Présence Africaine, 1963.

----- *Une saison au Congo*. Paris: Seuil, 1965.

----- *Une Tempête*. Paris: Seuil, 1969.

----- *Moi, laminaire*. Paris: Seuil, 1982.

----- *Nègre je suis, nègre je resterai*. Paris: Éditions Albin Michel, 2005.

DERRIDA, J. *L'écriture et la différence*. Paris :Seuil, 1967

----- *Le Monolinguisme de l' autre*. Paris: Galilée, 1996.

FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.

FIGUEIREDO, E. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.

FREUD, S. *A psicopatologia da vida cotidiana*. RJ: Imago, 1974.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

----- *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. IN SOVIK, L.(org). trad. Adelaïne La Guardia Resende et al). Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin, 1980

LE BRUN, A. *Pour Aimé Césaire*. Paris : J.-M. Place, 1994.

NANCY, Jean-Luc. *EGO SUM*. Paris: Flammarion, 1979.

TOUMSON, R. *Aimé Césaire : Le nègre inconsolé*. Paris : Syros ; Fort-de-France: Vent des îles, 1993.

TROPIQUES. Reproduction anastaltique de la collection complete de la revue *Tropiques* (1941-1945). Tome I/II. Paris: ed. Jean-Michel Place, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: Estudos de psicologia histórica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Edusp, 1973.

ZINK, Michel. *La subjectivité littéraire*. Paris: Puf, 1985.